

Sessão solene de abertura das Comemorações 50 anos do 25 de Abril

Senhor Presidente da República,

Senhor Presidente da Assembleia da República,

Senhor Comissário Executivo das Comemorações dos 50

Anos do 25 de Abril,

Ilustres Convidados,

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Foram 17.499 dias consecutivos de privação da Liberdade.

17.499 dias em que vivemos a mais longa ditadura da Europa do século XX. 17.499 dias em que a ditadura parecia eterna e a liberdade um sonho. Um sonho sempre adiado, mas nunca abandonado, como nos escreveu Jorge de Sena, num dos períodos mais duros da ditadura:

Trocaram tudo em maldade,
é quase um crime viver.
Mas, embora escondam tudo
e me queiram cego e mudo,
não hei de morrer sem saber
qual a cor da liberdade.

Foi este sonho que deu força e coragem a tantas e tantos para não desistir e resistir. Foi este sonho que, por fim, o 25 de Abril tornou realidade, devolvendo a Liberdade, que se firmou na Paz, se consolidou em Democracia e abriu as portas ao desenvolvimento.

Hoje é uma data-marco, cheia de simbolismo. Hoje completam-se 17 500 dias sobre o dia 25 de Abril de 1974. Hoje é o dia em que Portugal vive há mais dias em liberdade do que aqueles que viveu em ditadura. E é precisamente por isso, que hoje aqui estamos a inaugurar as Comemorações dos 50 Anos do 25 de Abril.

Quero, antes de mais, prestar homenagem aos Capitães de Abril, heróis da Revolução, e que serão sempre merecedores da nossa gratidão renovada.

A eles se juntou, de imediato, o Povo em festa nas ruas, com alegria incontida no rosto e cravos vermelhos na mão, uma imagem radiosa que correu o mundo, fazendo sua a Liberdade conquistada e nunca mais abandonada.

Os capitães de Abril eram então jovens que ousaram uma rutura histórica, que iniciou uma nova era para Portugal. A audácia juvenil que fez os Capitães arriscar e sonhar com um país livre, desenvolvido, justo e pacífico continua a ser uma fonte de inspiração para todos nós. Desejamos, por isso, que as Comemorações dos 50 anos do 25 de Abril sejam realizadas com o espírito jovem, ousado e prospetivo que as dirija para o futuro.

Sem perder a memória da resistência que queremos honrar, da libertação que vamos festejar, do muito que construímos e devemos celebrar, estas Comemorações terão de ser sobretudo uma passagem de testemunho para as novas gerações que continuarão e renovarão a nossa democracia na aspiração a um futuro que realize o que ainda falta realizar.

Não ignoramos o muito que há ainda a fazer para termos o país que desejamos e merecemos. Não desconhecemos que, como outras democracias, a nossa tem problemas urgentes e desafios imperiosos.

A liberdade e a democracia são sempre obras inacabadas e nunca estão imunes a ameaças. É sempre possível democratizar mais a liberdade e libertar mais a democracia. E é necessário agir contra o populismo, as desigualdades, a corrupção, o medo e o ódio que sempre as ameaçam.

Temos a obrigação de modernizar o Estado, a economia e a sociedade, de aumentar o crescimento económico e a prosperidade partilhada, de erradicar a pobreza, de dignificar o trabalho e de valorizar o mérito, o esforço, o talento e a iniciativa, de liderar a dupla transição climática e digital.

A liberdade, com todas as suas responsabilidades e consequências, é o grande fundamento da dignidade humana. É a liberdade que nos garante o pensamento criador, a crítica independente, a diversidade plural, a convivência tolerante. É com a liberdade que a democracia se renova, que a política se corrige, que a economia se desenvolve, que a sociedade se abre, que a cultura se cria, que a ciência progride e que a paz se constrói.

Defender a democracia é ter consciência de que a democracia é de todos e todos temos o dever de cuidar dela. O primeiro dever dos democratas é o de defender, aperfeiçoar e reforçar a

democracia. Pensar o futuro da democracia, para a tornar mais viva e exigente, mais moderna e participada, é a responsabilidade maior destas Comemorações e é a melhor mensagem que delas pode resultar.

Neste dia em que, aqui, enaltecemos a força moral e política da democracia, falei com insistência do futuro e da nossa responsabilidade perante ele, pois o futuro está sempre em aberto e nada está garantido. É o futuro que devemos prevenir e preparar. É o futuro que somos chamados a imaginar e a construir. Porque foi em nome do futuro, de um futuro melhor, que o 25 de Abril se fez.

Minhas Senhoras e Meus Senhores:

Num novo poema, escrito já depois da Revolução, e que dava continuidade, duas décadas depois, ao poema que no início citei, disse Jorge de Sena:

Tantos morreram sem ver

O dia do despertar!

Tantos sem poder saber

Com que letras escrever,

Com que palavras gritar!

Qual a cor da liberdade?

É verde, verde e vermelha

Como Jorge de Sena, sabemos, desde o 25 de Abril, que a cor da liberdade é verde e vermelha, a cor da bandeira nacional.

Hoje e sob o signo da liberdade que tudo renova, manifestamos a nossa vontade de fazer destas Comemorações um grande momento de afirmação, de rejuvenescimento e de aperfeiçoamento da democracia portuguesa.

Erguendo o ideal democrático que nos convoca e nos une como povo, olhemos o futuro com vontade, energia e uma esperança que não envelhece.

Por isso, dizemos, com convicção e orgulho: 25 de Abril
Sempre!